

Fora da TV, não há programa

O novo candidato do PMB à Presidência, Sílvio Santos, afirmou ontem que não tem programa de governo e que isso "não é importante para a sua campanha", já que pretende sensibilizar o eleitorado com a sua imagem popular de animador de auditórios e empresário bem-sucedido. Explicou que decidiu disputar a Presidência da República ao constatar que "não tinha mais o que fazer" pelas empresas que possui, pois elas "estão sendo dirigidas por homens muito competentes". "Tenho 58 anos, não tenho tanta atividade e acho que posso servir o País", explicou. Mesmo sem programa de governo, garante que o combate à inflação será a sua prioridade e deverá seguir "os exemplos da Bolívia e da Espanha".

Em um clima bastante tumultuado pela presença de uma claqué ostensiva, Sílvio Santos deu a sua primeira entrevista como candidato a Presidente da República, no auditório da Comissão de Constituição e Justiça do Senado Federal. Reconheceu que terá alguns prejuízos eleitorais e dificuldades para explicar aos eleitores, em apenas 15 dias, que devem votar em Armando Corrêa. O novo candidato que muitas vezes recorreu a seu vice, senador Marcondes Gadelha, e a seus advogados para responder às perguntas, errou até mesmo o número de Corrêa na cédula eleitoral e que, a par-

tir de hoje, é seu. "Vou ter que explicar na televisão que o meu eleitor deve marcar o número 14", disse, sendo rapidamente corrigido, inclusive pela imprensa, que o número é 26.

O empresário disse que "não sabe" se o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) impugnará a sua candidatura. Esclareceu, no entanto, que no momento em que decidiu disputar estas eleições pediu a seu secretário particular, Arlindo Silva, e ao departamento jurídico de suas empresas que fosse contratado um "especialista na área eleitoral". Essa consultoria está sendo feita pelo advogado Joel Pereira de Moura que, depois de analisar detalhadamente a legislação eleitoral, garante que Sílvio Santos é elegível e não se enquadra na Lei Complementar nº 50 porque é acionsista majoritário e não diretor de empresa concessionária de serviço público, no caso, o SBT. O novo candidato do PMB afirmou reiteradas vezes que não é um homem do "ramo político" e que ainda que não tem uma opinião formada sobre o sistema parlamentarista de governo. Também não sabe se participará de debates com outros candidatos, por "ter ouvido falar que quem está na frente não precisa debater", numa alusão ao argumento utilizado por Fernando Collor de Mello, do PRN.